

8.01.01E.2 ES  
2009059

A leitura negra e feminista da Bíblia surge da necessidade de ler os textos bíblicos a partir de nossas próprias experiências comunitárias de fé. Ela se preocupa em primeiro lugar pelas situações concretas de racismo, sexismo, classismo e anti-semitismos que marcam as experiências de vida das oprimidas de nossas sociedades. Estas são experiências de vida que transparecem nas práticas cotidianas das comunidades negras que motivam minhas reflexões. Gostaria de ajudar na busca de sentido das nossas experiências humanas para juntas e juntos tentar superar as injustiças, desigualdades, opressões de nossas sociedades. Para apontar caminhos de construção de relações sociais que garantam a dignidade de vida para todas as pessoas. Para tanto apresento brevemente algumas considerações sobre a participação das mulheres negras na história israelita e cristã e, alguns elementos que nos ajudam a seguir pensando e aprofundando a caminhada hermenêutica negra e feminista.

Estas figuras se convertem em referências de interpretação para muitas mulheres que releem os textos bíblicos desde uma ótica negra e feminista. Personagens que participaram nas lutas pela emancipação da escravidão: Anastácia no Brasil, "mamã" Tingó, na República Dominicana, Anacaona em Haiti, entre outras, nos ratificaram as lutas das mulheres nos processos de escravidão e libertação. Tanto as mulheres bíblicas como as pós-bíblicas têm em comum sua participação dentro da história da humanidade. Só que esta participação sempre foi silenciada ou mal interpretada.

A primeira e mais estudada das mulheres bíblicas é a escrava egípcia Agar. Ela ao ser oprimida e discriminada pela sua raça e pela sua condição de escrava é um paradigma de luta para as mulheres pobres e negras da América Latina e Caribe. Embora ciente de seu importante papel como portadora de um projeto ético, político e ideológico, ao lutar e garantir para seu

## 1 Mulheres negras na tradição israelita e cristã

As referências bíblicas sobre a terra de Cuch ou Etiópia, como eram designados os povos negros na Bíblia, são numerosas e significativas (Gn 2.20-14, Gn 9.18-27, Is 11.11, Is 18.1-2, Am 9.7, Sof 1.1, Jó 28.18-19). No entanto, as alusões específicas às mulheres negras, em relação ao conjunto das mulheres bíblicas, são poucas. Mas elas sempre aparecem em momentos significativos da história israelita. As figuras femininas que confirmaram a participação das mulheres negras na história israelita e cristã, são: a escrava Agar (Gn 16 e 21); Séfora, a mulher de Moisés (Nm 12.1); a sulamita do Cântico dos Cânticos (Ct 1.5); a rainha de Sabá (1 Rs 10.1-13) e a rainha Candace (At 8.26-40).



Romaire Bearden, A Luminária

filho um lugar dentro da sociedade israelita, quero priorizar as outras mulheres pois elas têm sido pouco estudadas. Assim, a memória do casamento de Moisés com uma mulher estrangeira, das regiões do Sul, Séfora (Nm 12.1-10) seria a responsável pelo castigo de Maria, irmã de Moisés. Maria foi castigada com lepra por murmurar contra seu irmão "por causa de uma mulher cuchita" que desposara. Esse castigo, que antes que nada quer erradicar qualquer sentimento de xenofobia nas origens do povo, é invertido para a justificação de ideologias racistas. A figura da Sulamita, mulher negra protagonista do mais belo poema de amor existente na Bíblia Hebraica (Ct 1.5), tem servido para a condenação do erotismo, sensualidade e beleza dos corpos das mulheres negras, quer dizer, para a justificação de ideologias racistas, sexistas e classistas. Por exemplo, Orígenes analisa a frase "sou negra porém formosa" da seguinte maneira: "Negra pela ignomínia da raça, porém formosa pela penitência e a fé"; "negra pelo pecado, porém formosa pela penitência e os frutos da

penitência." Contudo, a crítica textual ao possibilitar a descoberta do sentido original dos textos, nos permite a recuperação da identidade das mulheres negras. A frase tradicionalmente conhecida como "sou negra porém formosa" foi traduzida pelas mulheres como, "sou negra e formosa." A partícula conjuntiva (e) do texto hebraico original, ajuda-nos a recuperar a idéia original do texto. A partir dali, nós mulheres negras vemos um caminho interessante para a recuperação da auto-estima, da beleza de nossos corpos negros.

A rainha de Sabá por sua vez, além de ser uma figura importante para as mais diversas tradições, (iemenita, judaica, etíope, cristã) tem sido vista quase sempre como uma figura folclórica e como o mais claro exemplo de submissão e legitimação do projeto monárquico de Salomão pelas mulheres. Ela é condenada até mesmo por muitas mulheres que vêem nela uma mulher sem projeto político, como uma figura decorativa do patriarcado. Essas interpretações têm conotações ideológicas que desvalorizam o legado da sabedoria negra e feminina no Israel antigo. Será que não é libertador o fato de termos uma monarca negra e estrangeira com poder e sabedoria similar a do "grande monarca" Salomão? Será que não é interessante perceber o aporte cultural e religioso dos povos africanos como forma de descentralizar o Javismo israelita? Considero estes elementos importantes na busca de um cristianismo plural que respeite o direito de ser e sentir como negras ao longo de nosso continente. No Novo Testamento temos ainda uma outra rainha, tratasse de Candace, a rainha da Etiópia. Esta figura não tem sido importante para os pesquisadores neotestamentários, na maioria dos estudos ela é desaperecebida. Toda a atenção é dada ao ministro eunuco. Ao reconhecer seu lugar de procedência, Etiópia, o texto de Atos 8.26-40 foi interpretado teologicamente como cumprimento messiânico. Assim, a fé em



L. Campbell, Ushers of the Church

Jesus é universal para todos os povos. Contudo, perguntamo-nos pela relevância do texto para as comunidades negras: será que deve ser entendido somente como um texto messiânico? Será que a inclusão destes povos ao cristianismo não é mostra também de um cristianismo ecumênico que respeita a diversidade religiosa e cultural? Por que sendo assumidos neste projeto libertador ainda hoje somos excluídas a partir de mentalidades colonialistas, sexistas, racistas e classistas?

## 2. Para seguir pensando numa hermenêutica negra e feminista

No intuito de recuperação de nossa herança bíblica, a leitura negra e feminista, deseja que o cristianismo e a Bíblia sejam descentralizados. Ao tentar resgatar os textos bíblicos de sua unilateral interpretação ocidental, queremos recuperar a participação das mulheres e povos africanos na história israelita e cristã. Ao incorporar a participação das mulheres negras tão marginalizadas e silenciadas pela tradição, queremos propiciar uma pista de entrada na recuperação cultural e religiosa das tradições de nossos povos. o recuperarmos não somente a história de escravidão senão também a história de um povo que tinha riquezas, se quer proporcionar um espaço de denúncia e resistência. De denuncia porque sendo um

povo rico vivemos hoje em miséria graças às ideologias colonialistas, escravistas e racistas. De rainhas passamos a ser escravas, cozinheiras, mal assalariadas, trabalhadoras noturnas e mães solteiras. Espaço de resistências cultural e religiosa, pois nestes textos vemos como as mulheres resistem e inventam estratégias para resistir ao patriarcado. Além disso, vemos importantes elementos para a recuperação de nossa auto-estima. Assim, somos chamadas a denunciar, a desvelar os mecanismos através dos quais se produzem e reproduzem a dominação das mulheres e dos povos negros nos processos históricos de resistência social. Contribuímos assim ao resgate das memórias de luta como fontes de ânimo e vontade histórica de mudanças sociais. Assim, novos caminhos, novas linhas de leitura que apontem à pluralidade religiosa e cultural ajuda-nos a seguir sonhando com uma vida melhor para nossas mulheres ao longo do continente. Em ultima instância, a hermenêutica negra e feminista da Bíblia quer propiciar um espaço aberto e inacabado em que outras vozes e práticas encontrem seu reconhecimento como construtoras de cultura e conhecimento.

\* A autora, Maricel Mena López é colombiana, e atualmente faz doutorado em Antigo Testamento na UMESP.

## Quando Falar em Negritude na Bíblia

Peter J. Nash, Ph.D.\*

*Tudo tem o seu tempo determinado,  
e há tempo para todo propósito  
debaixo do céu (...). Eclesiastes 3.1*

Já escrevi neste espaço sobre porque e como falar em Negritude na Bíblia. Por que? Porque ela faz parte da realidade do povo do mundo antigo na região que a

gente hoje chama de Terra Santa. Como? Com muito carinho e com muita atenção aos detalhes que são muitas vezes esquecidos ou ignorados, apesar de serem óbvios nos textos. Nesta última parte da série, vou escrever sobre quando falar em negritude na Bíblia. Esta, talvez, seja a parte mais pastoral e também, mais crítica.